

Jéssica dos Santos Mauro

**SINHA VITÓRIA EM VIDAS SECAS: O EMPODERAMENTO DA MULHER NA
DÉCADA DE 30**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenadoria do Curso Superior de Licenciatura em Letras-Português como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras-Português.

Aprovado em 09 de abril de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA

Michelly Cristina Alves Lopes
Profa. Ma. Michelly Cristina Alves Lopes
Instituto Federal do Espírito Santo
Orientador

Michelly Cristina Alves Lopes
Profa. Ma. Fabricia Bittencourt
Pazinatto Vago
Instituto Federal do Espírito Santo
Examinador interno

Michelly Cristina Alves Lopes
Profa. Dra. Sheila Ribeiro
Jacob
Colégio Pedro II
Examinador externo

SINHA VITÓRIA EM *VIDAS SECAS*: O EMPODERAMENTO DA MULHER NA DÉCADA DE 30

Jéssica dos Santos Mauro¹

Michelly Cristina Alves Lopes²

RESUMO

Este trabalho intenciona analisar o empoderamento de sinha Vitória no romance *Vidas Secas*, bem como a postura adotada pela personagem dentro de sua casa, que rompe a tradição da mulher subordinada do sertão patriarcal. Assim, a escrita de Graciliano Ramos é de denúncia, não só ao compor cenários que apresentam a opressão social vivenciada pelos personagens no início do século XX, mas também, ao deixar implícito o empoderamento feminino de uma personagem nordestina e casada. Para tanto, dialogaremos com autores como Bosi (1970), Candido (1989), Vianna (1992), entre outros, na busca de compreendermos a importância de um romance como esse na década de 1930. E, com Beauvoir (1949), Biasoli-Alves (2000), Lima (2006) e Spivak (1985), teceremos discussões sobre o rompimento da condição de submissão feminina. Partindo do contexto histórico, a análise observou a notoriedade da personagem feminina através da sua superioridade intelectual, comparada aos outros membros da família, ao tomar decisões e assumir ofícios considerados masculinos na época. No entanto, dentro de um sistema machista que imperava na sociedade e a opressão social gerada pela extrema pobreza, a posição de autoridade assumida pela personagem limitava-se ao lar.

Palavras-chave: *Vidas Secas*. Sinha Vitória. Empoderamento feminino.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem a intenção de analisar a personagem sinha Vitória, da obra *Vidas Secas* (2020), de Graciliano Ramos, publicada pela primeira vez em 1938. A história narra a trajetória de uma família de retirantes, sendo a matriarca, uma mulher cabocla, pobre e casada que, silenciosamente, quebrou a posição de submissa dentro de seu lar. Então, essa obra pode ser considerada como uma denúncia, ao narrar o retrato da família nordestina brasileira na extrema seca, como também uma provocação ao sistema patriarcal da época.

¹ Graduanda em Letras pelo IFES. E-mail: jessymauro.jm@gmail.com

² Doutoranda em Letras (PPGL) pela Universidade Federal do Espírito Santo. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo. Especialista em Literatura, cultura e arte pela Faculdade Brasileira. Licenciada em Letras Português pelo Instituto Federal do Espírito Santo - *Campus* Vitória. E-mail: michellyalveslopes@gmail.com

Dessa forma, o contexto histórico nos permite perceber a ousadia e os desafios da personagem ao empoderar-se dentro de sua casa. Embora considerada pela sociedade inferior ao marido, sinha Vitória caminha em um ambiente consumido pela seca, assumindo a liderança da família.

Portanto, no intento de analisar a condição do empoderamento de sinha Vitória, podemos observar que, no contexto histórico ocidental, o início do século trouxe muitas mudanças para as mulheres, mas essas transformações passaram longe da realidade das nordestinas. Contudo, estando isolada, mesmo com a ousadia de ser a autoridade da família, era subjugada pelo sistema patriarcal que atuava na época, limitando sinha Vitória ao lar.

2 O ROMANCE PRODUZIDO NA DÉCADA DE 30: *VIDAS SECAS*

Entre as principais características do século XX, estão as grandes transformações sociais em muitas sociedades, tensões econômicas e mudanças de valores na perspectiva familiar. O século iniciou-se com o abalo econômico em 1929 causado pela queda da bolsa de Nova York, gerando grandes reviravoltas econômicas no mundo. No Brasil, o desequilíbrio externo tornou possível o desenvolvimento industrial nos anos 1930, ocasionando o crescimento de zonas urbanas e da burguesia do país, a queda da República Velha, que beneficiava os grandes produtores de terra.

No país, as transformações políticas destacam-se no contexto histórico devido à chamada Revolução de 30, que deu o poder a Getúlio Vargas. Foi um dos períodos mais repressivos da história brasileira, que acirrou com o golpe de 1937³.

Dessa época de tantas transformações no país, pretendemos destacar o período literário que compreende os anos de 1930 a 1950. Este foi o momento em que o romance se configura, amplia-se, quanto à sua função e natureza, marcando a radicalização de ideias políticas e configurando um compromisso em representar a realidade de territórios extremos. Pelo viés de uma crítica agressiva, houve uma maior divulgação de ideologias marxistas, o surgimento do fascismo e o renascimento católico.

³ Um ano após a queda da bolsa de 29, ocorreu a Revolução de 30, tornando presidente Getúlio Vargas, que se manteve no poder por quinze anos, após o fim da República Velha e do monopólio cafeeiro. Getúlio deixa o poder ao final da II Guerra Mundial, em 1945 (JAMBEIRO, 2004, p.19).

Todavia, a literatura brasileira de 1930 testemunha um novo Realismo, onde os autores não se originam dos grandes centros urbanos do país, o Romance de 30 se configurou nos extremos Sul e Nordeste do país. Bosi (2015) aclara:

A prosa de ficção encaminhada para o “realismo Bruto” de Jorge Amado, de José Lins do Rego, de Érico Veríssimo e, em parte, de Graciliano Ramos, beneficiou-se amplamente da “descida” à linguagem oral, aos brasileirismos e regionalismos léxicos e sintáticos que a prosa modernista tinha preparado (BOSI, 2015, p. 411).

O “romance do Nordeste” instaurou-se dotado de visão crítica, posicionamento frequentemente agressivo, “[...] ao mesmo tempo que alargava o ecúmeno literário por um acentuado realismo no uso do vocabulário e na escolha das situações” (CANDIDO, 1989, p. 3). O Realismo de 1930 traz a lume uma literatura que comunica o subdesenvolvimento do país, servindo de documento social pela qualidade das imagens e do vocabulário de um Nordeste violado pela forte seca.

Essa fase é, como citado anteriormente, época em que Vargas governou por quinze anos tendo como aliados a burguesia e os militares, tendenciosos e ditadores, formando um ciclo de grandes mudanças econômicas no país. Todavia, Marly de Almeida G. Vianna, no artigo “Revolucionários de 35: sonho e realidade”, publicado em 1992, elucida:

As mudanças trazidas pela Revolução de 1930 [...] não solucionaram os problemas econômicos e sociais do país nem os anseios democráticos de parte da população. As medidas de Getúlio Vargas remodelaram o Estado e beneficiaram a classe operária, embora subordinando-a ao Ministério do Trabalho, mas não modificaram a estrutura produtiva nem as relações sociais, e estavam longe de satisfazer àqueles que desejavam mudanças mais radicais. Uma parte dos tenentes que participou da Revolução de 30 — que passaremos a chamar de tenentes de esquerda — mostrou-se decepcionada com os rumos do movimento e achou que a politicagem que combateu logo estaria de volta. (VIANNA, 1992, p. 68)

Contudo, essa mesma etapa foi fortuita em termos culturais, pois os romancistas de 1930 produziram obras contempladas de Realismo Social, que se tornaram significativas dentro da história da literatura brasileira. Como Candido itera em *A literatura e a formação do homem*:

[...] é forçoso convir que, justamente porque a literatura desempenha funções na vida da sociedade, não depende apenas da opinião crítica que o Regionalismo exista ou deixe de existir. Ele existiu, existe e existirá

enquanto houver condições como as do subdesenvolvimento, que forcem o escritor a focalizar como tema as culturas rústicas mais ou menos à margem da cultura urbana. O que acontece é que ele vai modificando e adaptando, superando as formas mais grosseiras até dar a impressão de que se dissolveu na generalidade dos temas universais, como é normal em toda obra bem-feita (CANDIDO, 2012, p. 86-87).

Assim, as obras de 1930 abordam temas conflituosos, integrando personagens e narrador a espaços internos e externos, sem dissociar regionalismo e questão social. Como exemplo, tem-se o quarto romance de Graciliano Ramos, *Vidas Secas* (1938). Este livro simboliza o país subdesenvolvido em um Nordeste em período de estiagem, pintando o retrato do sertão que abriga muitos sujeitos brasileiros longe do crescimento industrial das cidades.

De acordo com Neves (2012), o Nordeste ganhou destaque na literatura e na história pela sequência de secas que atingiu a região nos anos de 1887 a 1915, principalmente pela imagem do faminto que percorre cidades fugindo da seca. Nas artes plásticas, o tema foi abordado nas telas da série *Retirantes*, de Portinari.⁴

Os sertanejos migrantes, também chamados de retirantes, são pessoas que, embora fossem felizes e vivessem bem no sertão, nos longos períodos de seca, a única alternativa era fugir da coerção social causada pela fome. Esses homens e mulheres nordestinos buscavam amparo nos centros urbanos. No entanto, com a volta das chuvas, eles retornavam para as regiões de semiárido. As cidades não eram acolhedoras, os retirantes com seus corpos desnutridos apresentavam uma imagem de sofrimento. Dessa forma, não eram bem-vistos nos centros urbanos, que buscavam se modernizar no início do século XX. Nesse sentido, a seca era o motivo de terror para todos os nordestinos. Segundo Buriti e Aguiar (2008):

Os próprios sertanejos eram pejorativamente chamados de “flagelados”, que “invadiam” os grandes centros urbanos como “desocupados” que se tornavam uma “ameaça” à “ordem” e à higiene enfaticamente propalada pelos médicos e sanitaristas daquele período (BURITI; AGUIAR 2008, p. 12).

Os retirantes, ao migrarem, deixavam para trás suas raízes culturais e levavam consigo seus aprendizados da vida no meio rural. Contudo, era difícil a adaptação nos centros urbanos, a maioria conseguia trabalhos mal remunerados, distanciando um possível rompimento com a pobreza.

⁴ “A série *Retirantes*, de 1944, que mostra o drama de uma família de migrantes, provavelmente nordestinos, castigados pela fome e pela seca” (COELHO, 2010, p. 3).

O processo de fuga da seca só acontecia quando não havia mais expectativa de chuva, quando o estado de saúde e de nutrição já estava deficiente (NEVES, 2007, p. 27). A única esperança que restava para esses indivíduos era sair em retirada para as cidades ao sul. Para Gadelha e Lima (2017), no artigo “Cortejo de miséria: seca, assistência e mortalidade infantil na segunda metade do século XIX no Ceará”:

Os percursos das migrações são apresentados por intelectuais, sobretudo da área da saúde, como momentos de “degradação da condição humana”, marcados por alimentações inadequadas (raízes silvestres), mortes e antropofagia. Os retirantes chegavam à capital em intenso estado de miséria e abandono (GADELHA; LIMA, 2017, p. 103).

Outrossim, Graciliano Ramos era conhecedor da seca, como nordestino da cidade de Quebrangulo⁵. Além disso, durante um cárcere de 10 meses, conviveu e trocou conversas com colegas de cela sobre problemas enfrentados por eles. Dessa forma, a obra foi escrita por um observador da realidade de um retirante sertanejo, que “[...] Vivia identificado, misturado com o povo, sentindo suas dores, chorando suas misérias, lutando - lutando sempre” (RAMOS, 1993, p. 73).

Entretanto, a riqueza por trás de *Vidas Secas* vai além da crítica social. As relações conflituosas na obra estão impostas no interior dos personagens, contemplando narrativa e diálogos concisos, os quais demonstram o sertão devastado em sua existência física, tornando a relação da leitura uma experiência real e significativa.

Como observado por Haroldo de Campos, no texto “Arte pobre, tempo de pobreza, poesia menos”, publicado em 1983, “Em Graciliano o ‘estilo pobre’, é um estilo de um mundo em tempo físico de pobreza” (1982, p. 66). Nessa perspectiva, o sertão deteriorado de *Vidas Secas* nos apresenta capítulos que focam em seus personagens, podendo alterar percepções e ângulos de uma mesma estória. Essa literatura exige um leitor atento, ativo e participante de cada retrato que é formado, podendo e devendo conceber suas próprias conclusões, como nos afirma o autor Hermenegildo Bastos, no artigo “Inferno, Alpercata: Trabalho e Liberdade em *Vidas Secas* (Posfácio)”: “A linguagem é, como se tem observado, um problema em *Vidas*

⁵ Graciliano Ramos nasceu em 27 de novembro de 1892, na cidade de Quebrangulo, Alagoas. “O pai, Sebastião Ramos, compra a Fazenda Pintadinhos, em Buíque, no sertão de Pernambuco, e muda com a família. Com a seca, a criação não prosperou e o pai acaba por abrir uma loja na vila.” (RAMOS, 2020, p.135).

Secas, a linguagem como a consciência imediata do homem” (BASTOS, 2020, p. 129).

A obra de Graciliano Ramos, observada por críticos como Antônio Candido, Alfredo Bosi, João Luiz Lafetá, entre outros, pode ser considerada única, pois potencializa o outro. “É no limite que ela se compõe. O modo de compor abre a narrativa à busca do outro. Aí se materializa o ponto de vista ideológico do escritor” (BASTOS, 2020, p. 125).

2.1 Personagens humanas e animais

Vidas secas é uma narrativa que conquista o leitor pela linguagem e pela forma como o narrador a conduz. O cenário seco e frígido está adentrado nas características dos personagens, até mesmo pelo narrador ser onisciente e conhecer toda a história, inclusive os sentimentos pessoais de cada personagem. No entanto, o que se destaca são as características animais e humanizadas de cada um.

Fabiano é o patriarca da família, vaqueiro como seu pai, nordestino pobre, não só de alimento e de terras, como também linguisticamente e culturalmente. Essas particularidades do personagem e seu desconhecimento levam-no a ser enganado pelos outros e submisso perante a figura da autoridade.

Em alguns momentos, o narrador adentra nos sentimentos reflexivos de Fabiano. Ao comparar-se a um bicho, o personagem questiona-se sobre o que ele é e qual é o seu papel dentro da sociedade.

— Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta. Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra (RAMOS, 2020, p. 16).

Ao contrário de Fabiano, a personagem Baleia é humanizada. É irônico o fato de a cachorra, que vive no meio da seca e é magra, receber o nome de um animal aquático que remete à gordura. Por sua vez, tendo nome próprio com letra maiúscula, a cachorra chama atenção pelo modo como pensa, sonha e questiona seus sentimentos, até mesmo quando fora ameaçada pela espingarda de Fabiano:

“Cerrou as pálpebras pesadas e julgou que o rabo estava encolhido. Não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto dele [...]” (RAMOS, 2020, p. 86).

Os filhos de Fabiano não possuem nomes. O menino mais novo admira seu pai e sonha em ser como ele, um vaqueiro destemido que “mata cabra” e “monta égua”. Enquanto seu irmão, o menino mais velho, em alguns momentos, reflete e questiona os adultos: “Agora tinha uma ideia de aprender uma palavra [...]” (RAMOS, 2020, p. 57). Contudo, a pobreza silencia esses meninos. Sem compreensão, são quase mudos e não percebem a realidade em que vivem.

Outro personagem sem nome, o “soldado amarelo”, representa o governo e o poder do estado sobre a “ordem” e as “regras”. É um personagem que pode causar sentimento de raiva ao leitor, ao cometer injustiças contra Fabiano. Entretanto, essas atitudes cometidas pelo soldado levaram o patriarca a refletir sobre a sua condição de vida. Foram breves reflexões, porém, importantes para um momento de humanização do personagem:

E, por mais que forcejasse, não se convencera de que o soldado amarelo fosse governo. Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar. [...] Se não fosse aquilo... Nem sabia. O fio da ideia cresceu, engrossou – e partiu-se. Difícil pensar. Vivia tão agarrado aos bichos... Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. O demônio daquela história entrava-lhe na cabeça e saía. Era para um cristão endoidecer. Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com bichos (RAMOS, 2020, p. 31).

A personagem feminina, a Sinha Vitória, é diferente do marido. A dona de casa destaca-se na obra por ser a mais esperta e inconformada com a realidade em que vive. O desejo de melhorar impulsiona a personagem a ter expectativas de vida diferentes de Fabiano, tornando-se a mais batalhadora da família de retirantes. Uma mulher lutadora, sofrida, inconformada com sua miséria e em busca de sobreviver, desafia todas as suas fragilidades e a sua própria existência.

3 EMPODERAMENTO DE SINHA VITÓRIA

O romance composto por treze capítulos, facilmente desmontável pelo fato de não terem sido escritos na ordem como estão dispostos no livro⁶. A ordem, pelas

⁶ “Francisco de Assis Barbosa ao vasculhar os originais, comprovaria a ausência de seguimento na narrativa . “ Baleia”, o nono capítulo, foi escrito em 4 de maio de 1937. Um mês depois escreveria “Sinha Vitória ”, o quarto capítulo. E “ Mudança”, o primeiro na ordem de apresentação, só seria escrito em 16 de julho do mesmo ano. Depois de todos os episódios reunidos, Graciliano ordenou-os

datas que foram escritas, trataria nos dois primeiros capítulos sobre as personagens femininas da obra, Baleia e sinha Vitória, as únicas que possuem ambições que as humanizam. A mulher era movida por sonhos urbanos:

Não conseguiam tomar resolução. Paciência. Era melhor esquecer o nó e pensar numa cama igual à de seu Tomás da bolandeira. Seu Tomás tinha uma cama de verdade, feita pelo carpinteiro, um estrado de sucupira alisado a enxó, com as juntas abertas a formão, tudo embutido direito, e um couro cru em cima, bem esticado e bem pregado. Ali podia um cristão estirar os ossos (RAMOS, 2020, p. 44).

Enquanto a cachorra sonhava em caçar preás:

Sentiu o cheiro dos preás que desciam do morro, mas o cheiro vinha fraco e havia nele partículas de outros viventes. Parecia que o morro se tinha distanciado muito. Arregaçou o focinho, aspirou o ar lentamente, com vontade de subir a ladeira e perseguir os preás, que pulavam e corriam em liberdade (RAMOS, 2020, p. 85).

No contexto histórico ocidental, o início do século trouxe muitas mudanças para as mulheres, houve grande influência dos movimentos feministas europeus, norte-americanos e pela industrialização. A mulher, no contexto histórico, vista como um ser frágil, dependente e submisso, no século XX saiu de casa e ganhou novas profissões, assumindo um novo papel dentro do lar familiar: viraram provedoras. Logo, as mulheres tornaram-se mais consumistas, principalmente pela influência estrangeira. No entanto, o novo estilo de consumo não era para todas, atingindo preferencialmente as camadas mais altas da sociedade.

Distante dos centros urbanos industriais, no meio rural era persistente a visão da mulher aos moldes patriarcais. No sertão, as mulheres cuidavam dos afazeres domésticos e dos filhos, enquanto os homens eram os provedores do lar, configurando um ambiente em que não era tolerado que elas opinassem nos negócios. Os movimentos populacionais que lutavam pelos direitos e pelos ideais feministas desabrochavam nos centros urbanos, mas passavam longe da realidade das mulheres trabalhadoras, pretas e sertanejas.

As mulheres rurais nasciam, cresciam e se casavam no sertão, não estudavam e não era oportunizado outro caminho. Um “bom casamento” era o que a

para a publicação. Por isso, alguns acham *Vidas Secas* um romance “desmontável [...]” (DEVILLART; SIMÃO, 2002, p. 01).

família almejava como o ideal para essas moças. Para Miridan Knox Falei, no texto “Mulheres do sertão nordestino”, publicado em 1997:

No sertão, a preocupação com o casamento das filhas moças foi uma constante. É verdade que muitas mulheres não se casaram, entre outras razões por dificuldades de encontrar parceiros à altura, problemas de herança e dote, mas tão logo passadas as “primeiras regras” (menstruação) e a mocinha fizesse corpo de mulher, os pais começavam a se preocupar com o futuro encaminhamento da jovem para o matrimônio (FALEI, 1997, p. 213-214).

Elas conviviam com a fome e com toda opressão causada pela miséria cotidianamente. A morte dos seus filhos era “habitual”, uma vez que a mortalidade infantil era muito maior que a do adulto, devido a doenças e à desnutrição que atingiam com mais facilidades as crianças. A mortalidade infantil era tão alta que chegou a ser um dos assuntos discutidos pelo governador Pereira Lobo em comunicado à Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe:

Uma das notas mais fortes do obituário nesta capital e em todo o Estado é a mortalidade infantil, mormente das crianças cujos pais pela sua condição de pobreza são obrigados a morar nas zonas afastadas do centro da cidade. Há ainda, e para avolumar esta estatística lamentável, os óbitos que fogem ao registro, pois ainda há hábito muito seguido a enterrar-se crianças em lugares que não os cemitérios (LOBO, 1920, p. 61).

Essas mulheres sertanejas observavam seus maridos saírem para o trabalho e para a caça em busca de algum alimento, enquanto permaneciam trabalhando na manutenção da casa e na educação dos filhos, “[...] porque sua tarefa consiste em assegurar a felicidade do grupo familiar; seu papel, como no tempo em que a domina tinha assento no átrio, é ser “dona de casa”” (BEAUVOIR, 2009, p. 435). Esse modelo de família fora transmitido para elas através das gerações anteriores, que ensinavam a “submissão” e a “pureza” como fundamentos essenciais para a boa educação das meninas, enquanto para os meninos os valores ligados ao trabalho eram considerados importantes (BIASOLI-ALVES, 2000). Podemos dizer que, mais do que isso, concordando com Beauvoir (2009), a mulher fora criada para ser mulher:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto

intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 2009, p. 267).

Esses valores transmitidos culturalmente pelas gerações existem por um motivo: a sociedade prioriza preceitos morais com um viés econômico e social, como realçado por BIASOLI-ALVES (2000, p. 235):

Como se poderá ter "Domínio" se não houver "Submissão", papel por excelência da mulher, ainda no decorrer de boa parte do século XX? Mas, talvez se possa explicar esse binômio na maneira de lidar com o menino e a menina de um ponto de vista mais social e econômico. Existe uma preocupação com o "futuro da moça", que precisará "arranjar" um marido (provedor) e que, para tal, terá as suas "virtudes", todas, muito "olhadas" e seriamente investigadas, sobretudo se for para "fazer um bom casamento", com um rapaz considerado um "bom partido" (BIASOLI-ALVES, 2000, p. 235).

Observando esse panorama histórico, torna-se relevante o nosso intuito de estudar a principal personagem feminina da obra de Graciliano: Sinha Vitória. Ao pensarmos nas tribulações e mudanças do início do século XX no Brasil, na busca pela civilidade na sociedade brasileira e no aumento do consumismo feminino, observamos um cenário que se contrapõe ao subdesenvolvimento do Nordeste brasileiro, no qual estava inserida sinha Vitória.

É num retrato marginalizado, sofrido, desgraçado e faminto de *Vidas Secas* que conhecemos sinha Vitória, uma personagem feminina forte da área rural, rodeada por questões que envolvem etnia, gênero e classe social, não a qualificando ao mito da fragilidade feminina disseminado na cultura ocidental, porque as mulheres pobres, sertanejas, caboclas e negras, nunca foram tratadas como frágeis. Segundo Carneiro (2003), essas mulheres trabalharam durante séculos:

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas (...). (CARNEIRO, 2003, p. 1).

Nesse contexto, conhecemos “[...] sinha Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça [...]” (RAMOS, 2020, p. 7). A matriarca é figurada como tantas mulheres do sertão nordestino, demonstrando toda

fortaleza que a compõe, carregando o peso pela cintura, enquanto seu marido Fabiano carrega seus utensílios, uma espingarda e o áio a tiracolo, caminhando atrás o filho mais velho e a cachorra Baleia.

Sinha Vitória representa um papel fundamental na narrativa, sutilmente ela toma decisões importantes para a sobrevivência de sua família. Uma mulher guiada pelos sonhos e pela imaginação de uma vida melhor, mesmo entendendo a realidade que vivia.

Pelas atitudes tomadas por sinha Vitória, ela triunfa ao romper uma tradição do sertão patriarcal, na qual culturalmente o homem é dono do palco e a mulher coadjuvante (ANDRADE; PONTES, 2014). A personagem é “sinha” sem o acento agudo, sem ser a senhora, sem ser a dona de terras, sem ser a esposa de um rico fazendeiro. Entretanto, é Vitória, nome original do latim *victoria*, a “vencedora”, a “vitoriosa”, contrapondo a vida que leva. De fato, nos sonhos, sinha Vitória escapa de sua realidade e, na sua inteligência, vence um sistema em que a mulher se curva ao marido:

[...] Sinha Vitória combateu a dúvida. Por que não haveriam de ser gente, possuir uma cama igual à de seu Tomás da Bolandeira? Fabiano franziu a testa: lá vinham os despropósitos. Sinha Vitória insistiu e dominou-o. Por que haveriam de ser sempre desgraçados, fugindo no mato como bichos? Com certeza existiam no mundo coisas extraordinárias. Podiam viver escondidos, como bichos? Fabiano respondeu que não podiam. - O mundo é grande. (RAMOS, 2020, p. 119).

Nos capítulos da obra, observamos a matriarca ansiar por uma vida melhor ao almejar uma cama confortável e os filhos na escola. Os sonhos da personagem servem de elementos simbólicos para o desejo do rompimento com o ciclo da pobreza: “[...] um olhar projetivo que busca além do que está visível, e que, no caso de sinha Vitória, projeta os sonhos e as esperanças de um lugar seguro para viver” (CASSAMASSIMO, 2010, p. 11). Afinal, sinha Vitoria é humana e deseja um lar, mas vive uma vida nômade.

Ao entender que a extrema pobreza não deveria ser normal, a personagem mostra-se intelectualmente superior aos outros membros da família, principalmente ao marido, que vive acomodado naquela situação. Podemos observar a indignação de sinha Vitória no quarto capítulo:

Sinha Vitória tinha amanhecido nos seus azeites. Fora de propósito, dissera ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não esperava semelhante desatino, apenas grunhira: - “Hum! Hum!” e amunhecara, porque realmente mulher é bicho difícil de entender, deitara-se na rede e pegara no sono. Sinha Vitória andara para cima e para baixo, procurando em que desabafar. Como achasse tudo em ordem, queixara-se da vida. E agora vingava-se em Baleia, dando-lhe um ponta pé. (RAMOS, 2020, p. 38).

Nesse capítulo, sinha Vitória estava furiosa, enquanto Fabiano não consegue entender a esposa, permanecendo dormindo na rede. O conformismo do patriarca está entrelaçado também com sua dificuldade linguística. Marcos Hidemi de Lima, no artigo “Configurações femininas em *S. Bernardo, Angústia e Vidas Secas*”, publicado em 2006, explica que a dificuldade de Fabiano em se expressar através de palavras cria uma relação de dependência à esposa, impossibilitando-o de se impor a ela, ou a qualquer outra pessoa.

Além disso, como mulher, sinha Vitória foi criada para cuidar de um lar e Fabiano para ser vaqueiro. Portanto, as preocupações dele estão relacionadas ao trabalho. Para sinha Vitória, na falta de objetos que configuram a casa, resta a ela ficar indignada com a situação. Para Beauvoir (2009):

Mas para encontrar um lar em si é preciso primeiramente ter se realizado em obras ou atos. O homem só se interessa mediocremente pelo seu interior porque ascende ao Universo e pode afirmar-se em projetos. Ao passo que a mulher está encerrada na comunidade conjugal: trata-se para ela de transformar essa prisão em reino. Sua atitude em relação ao lar é comandada por essa mesma dialética que define geralmente sua condição: ela possui tornando-se uma presa, liberta-se abdicando; renunciando ao mundo ela quer conquistar um mundo (BEAUVOIR, 2009, p. 435).

A repulsa, expressa pela personagem, representa a sua incapacidade de se conformar com aquela situação. Ao passo que o marido dormir na rede e não com a esposa na cama de varas, transforma a cama no símbolo da distância do casal, carnalmente e na capacidade de sonhar juntos, “[...] sinha Vitória desejava uma cama real [...]” (RAMOS, 2020, p. 44).

Todavia, além de sonhar, sinha Vitória também é capaz de entender a sua real condição de vida, que não lhe permite uma cama confortável, pois não poderiam economizar e dificilmente carregar uma cama de couro durante a fuga da seca. O desejo de estabilidade simbolizou-se na cama de couro pesada e imóvel. No final do oitavo capítulo, “[...] sinha Vitória enxergava através das barracas, a cama de seu Tomás da Bolandeira, uma cama de verdade” (RAMOS, 2020, p. 80). Na festa da

cidade, nas barracas fincadas no chão, ela enxergou a sonhada cama, vislumbrando seu desejo de deixar de ser nômade.

No entanto, desde o início o narrador demonstra indícios de que sinha Vitória era diferente, além de responsável pela educação dos filhos e dos afazeres do lar, a matriarca toma as principais decisões da família. Ao iniciar o primeiro capítulo, durante a mudança, o narrador apresenta primeiramente sinha Vitória como a guia da jornada de sua família:

Arrastaram-se para lá, devagar, sinha Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça. Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de perderneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás. (RAMOS, 2020, p. 7).

Podemos observar que, no desenrolar da obra, a matriarca vai ocupando o espaço reservado ao homem da família, dominando ofícios que seriam masculinos no viés da sociedade patriarcal. O narrador sutilmente demonstra que a submissão feminina era apenas na aparência, como se a personagem desafiasse a extrema miséria e a cultura patriarcal ao inverter os valores e orientando o marido nas tomadas de decisões. Fabiano sempre concordava com sua esposa. “[...] Ela devia ter razão. Tinha sempre razão. [...]” (RAMOS, 2020, p. 119).

Assim, a matriarca assumia os compromissos financeiros da família, providenciando os cálculos para o marido prestar contas com o patrão, demonstrando a capacidade de tomar todas as decisões da casa: “[...] sinha Vitória mandou os meninos para o barreiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições” (RAMOS, 2020, p. 90).

Sinha Vitória também toma a decisão da mudança da fazenda. Por meio de palavras esperançosas, a matriarca convence o marido a partirem para o sul:

As palavras de sinha Vitória encantavam-no. Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. Repetia docilmente as palavras de sinha Vitória, as palavras que sinha Vitória murmurava porque tinha confiança nele. E andavam para o sul, metidos naquele sonho. (RAMOS, 2020, p. 124).

A personagem era a única que detinha a habilidade de melhor se expressar verbalmente, diferenciando-a dos outros membros da família de retirantes. Em meio ao silêncio que os rondava, “[...] a viagem prosseguiu, mais lenta, mais arrastada,

num silêncio grande [...]” (RAMOS, 2020, p. 9). Na dificuldade de comunicação verbal de Fabiano e dos filhos, o silêncio atua simbolizando a falta de expectativas e de esperanças. Contudo, a matriarca, por meio da voz, atua conseguindo convencer o marido e ganhando sua confiança:

Como era que sinha Vitória tinha dito? A frase tornou o espírito de Fabiano e logo a significação apareceu. [...] Agora Fabiano percebia o que ela queria dizer. Esqueceu a infelicidade próxima, riu-se encantado com a esperteza de sinha Vitória. Uma pessoa como aquela valia ouro. Tinha ideias, sim senhor, tinha muita coisa no miolo. Nas situações difíceis encontrava saída [...] (RAMOS, 2020, p. 106).

A capacidade de se expressar verbalmente, mesmo que limitada, sobressai a personagem feminina numa sociedade em que a mulher não falava dentro de casa, e muito menos fora dela. Sinha Vitória não só tinha voz, como se posicionava, por isso era admirada pelo marido. A relação de subordinação feminina, tão atuante nos lares do início do século XX, se desfaz diante do empoderamento da personagem. No livro *Pode um subalterno falar?*, publicado em 1945, Gayatri Chakravorty Spivak aborda o lugar silencioso ocupado pelas mulheres:

Com respeito à "imagem" da mulher, a relação entre a mulher e o silêncio pode ser assinalada pelas próprias mulheres; as diferenças de raça de classe estão incluídas nessa acusação. A historiografia subalterna deve confrontar a impossibilidade de tais gestos. A restrita violência epistêmica do imperialismo nos dá uma alegoria imperfeita da violência geral que é a possibilidade de uma episteme. (SPIVAK, 2014, p. 84- 85).

Na visão de Fabiano, no primeiro capítulo a sua sina era correr o mundo, “[...] andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante.” (RAMOS, 2020, p.17). Contudo, a voz de sinha Vitória em seus ouvidos, murmurando esperanças e sonhos, durante os capítulos, o faz ir mudando de ideia, criando possibilidades de um futuro diferente:

Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. Eles dois velhinhos, acabando-se como uns cachorros, inúteis, acabando-se como Baleia. Que iriam fazer? Retardaram-se, temerosos. Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela (RAMOS, 2020, p. 124).

Sinha Vitória, por meio de seus sonhos, alimentou esperanças no marido, sonhando com uma vida digna, por uma cama fincada ao chão de um lar, em uma

cidade onde seus filhos poderiam estudar. Lima (2006) explica que esse anseio vem de uma necessidade de escapar do sertão:

O vislumbre final de que iriam para uma cidade, poriam os filhos numa escola, onde um dia Fabiano e sinha Vitória envelheceriam, tudo isto existe apenas na imaginação da mulher, uma tentativa de alimentar uma esperança quando já é quase impossível tê-la, uma necessidade de evadir-se da caatinga a todo custo, uma espécie de Pasárgada onde a família adaptar-se-ia, um espaço que, ao contrário de que se imagina, não estaria no campo, situar-se-ia no ambiente urbano. (LIMA, 2006, p. 111).

Todavia, mesmo sendo ouvida, respeitada e admirada pelo marido, sinha Vitória vivia dentro de um sistema em que o homem era o provedor e a mulher a responsável pelos afazeres do lar e pela educação das crianças, sem expressar nenhuma opinião. Dessa forma, sua habilidade nas contas não impediu que o marido fosse enganado pelo patrão. Na hora do acerto, ela estava em casa e seu marido resolvia os negócios na rua:

No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negocio notou que as operações de sinha Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: A diferença era proveniente de juros. (RAMOS, 2020, p. 90).

Portanto, mesmo sendo revolucionária para o seu tempo, sinha Vitória viveu sob os limites da casa, seu marido Fabiano agia nas situações em que o ambiente masculino da rua era o cenário. O narrador delimitou a mulher dentro de casa e, dentro desse limite, ela ousou, atuando e comandando. Com sua voz, conseguiu romper a cultura machista e não abaixou a cabeça, era orgulhosa e determinada. De forma sutil, tomou as decisões pela família.

Sinha Vitória era solitária na luta que silenciosamente iniciou contra a supremacia masculina que imperava no sertão. Dentro de sua casa, criou o ambiente para superar os padrões de dominação fundamentados pelo sistema patriarcal. Como observado anteriormente, ela era pobre e casada, características que a calavam diante do mundo machista guiado pelas relações de poder. A autoridade que sinha Vitória conquistou dentro de seu lar não detinha os subsídios suficientes para avançar para o ambiente masculino, representado pela “rua”. Para Letícia Otero Dias, no texto “O feminismo decolonial de María Lugones” publicado em 2014:

Na medida em que grupos de mulheres são negados, para que se mantenha um feminismo universal, esse feminismo que se pretende universal é quem dita as possibilidades, a possibilidade de tudo. Dessa forma, lutas específicas desses grupos que não entram no coletivo universal se perdem e ficam do outro lado da linha, o colonial, onde não podem se tornar visíveis, pois se mantêm no local do inexistente (DIAS, 2014, p. 03).

Mesmo que, no contexto histórico do início do século XX, como falado anteriormente, houvesse movimentos feministas, não eram observadas as desigualdades dos grupos de mulheres pobres, pretas e sertanejas, eram generalizadas, ou seja, as pautas das reuniões eram direcionadas à necessidade da mulher branca de classe alta. Podemos observar no livro *Interseccionalidade* de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge, publicado em 2020, uma reflexão sobre os marcadores sociais de gênero e raça que unificam a existência da mulher independente de suas experiências e lugares de fala na sociedade.:

O uso da interseccionalidade como ferramenta analítica aponta para várias dimensões importantes do crescimento da desigualdade global. Primeiro, a desigualdade social não se aplica igualmente a mulheres, crianças, pessoas de cor, pessoas com capacidades diferentes, pessoas trans, populações sem documento e grupos indígenas. Em vez de ver as pessoas como uma massa homogênea e indiferenciada de indivíduos, a interseccionalidade fornece estrutura para explicar como categorias de raça, classe, gênero, idade, estatuto de cidadania e outras posicionam as pessoas de maneira diferente no mundo. Alguns grupos são especialmente vulneráveis às mudanças na economia global, enquanto outros se beneficiam desproporcionalmente delas. A interseccionalidade fornece uma estrutura de interseção entre desigualdades sociais e desigualdade econômica como medida da desigualdade social global. (COLLINS; BILGE, 2020, p. 35)

Por sua vez, uma mulher como sinha Vitória não era reconhecida pelo feminismo das brancas, pois, enquanto elas se reuniam por igualdade de trabalhos comuns aos homens, entre outras coisas, as sertanejas lutavam para sair da opressão social causada pela extrema miséria. Dessa forma, esse grupo, que já vivia silenciado, continuou na invisibilidade.

O feminismo branco gerou obstáculos para as outras mulheres, ao unificar todas as mulheres em um único patamar, fortaleceu a crença na igualdade racial. Além de que, demonstraram como a realidade das mulheres brancas eram bem distantes da vida das mulheres pobres, negras e retirantes. Nesse contexto, o feminismo negro tenciona superar o racismo, o machismo, e todas as formas de opressão oriundas desse sistema de valores coloniais. Segundo Carneiro (2003):

A origem branca e ocidental do feminismo estabeleceu sua hegemonia na equação das diferenças de gênero e tem determinado que as mulheres não brancas e pobres, de todas as partes do mundo, lutem para integrar em seu ideário as especificidades raciais, étnicas, culturais, religiosas e de classe social. Até onde as mulheres brancas avançaram nessas questões? As alternativas de esquerda, de direita e de centro se constroem a partir desses paradigmas instituídos pelo feminismo que, segundo Lélia Gonzalez, apresentam dois tipos de dificuldades para as mulheres negras: por um lado, a inclinação eurocentrista do feminismo brasileiro constitui um eixo articulador a mais da democracia racial e do ideal de branqueamento, ao omitir o caráter central da questão da raça nas hierarquias de gênero e ao universalizar os valores de uma cultura particular (a ocidental) para o conjunto das mulheres, sem mediá-los na base da interação entre brancos e não brancos; por outro lado, revela um distanciamento da realidade vivida pela mulher negra ao negar “toda uma história feita de resistência e de lutas, em que essa mulher tem sido protagonista graças à dinâmica de uma memória cultural ancestral (que nada tem a ver com o eurocentrismo desse tipo de feminismo)” (CARNEIRO, 2003, p. 6)

Assim, o feminismo negro atuou para grande parte das mulheres brasileiras, ao observar as relações de classe, etnia e gênero, ficando possível criar melhores políticas públicas de inclusão.

Ao observarmos o limite entre a casa e a rua, entendemos que, mesmo sinha Vitória desfazendo a relação de subordinação feminina dentro do seu lar, o empoderamento da matriarca é inexistente no mundo dominado pelos homens. Ela nasceu cabocla e pobre em um sistema social muito maior atuante no ambiente da “rua”, que subjuga e cala a voz da mulher. Diante do silêncio resolutivo do sistema, que calou a família de retirantes, sinha Vitória conseguiu, dentro do limite de sua casa, criar um mundo diferente da rua, em que ela tem a voz e administra o seu lar à sua maneira:

[...] à significação da alcunha de sinha Vitória, componente singular na literatura brasileira da década de 1930 por sua quebra com os estereótipos da época. Se o termo sinha aparece de início como uma ambiguidade semântica entre o reverente e o discriminado, o nome de batismo Vitória configura-se ao final da análise como uma ironia parcial, posto que a personagem, por um lado, consegue um grande avanço na esfera familiar, conquistando o respeito de seu marido por seu atilamento, mas, por outro, prova que todas essas conquistas se mostram inúteis ante forças sociais maiores, de uma sociedade estruturada a partir da desigualdade e da exploração de grande parte dos seres nela contidos, impossibilitando então a nomeada vitória por completo. (ANDRADE; PONTES, 2014, p. 16).

Ao nascer mulher, com sua caracterização física: uma cabocla de rosto moreno e olhos pretos, quando comparada ao marido branco, de olhos claros e cabelos ruivos, na hierarquia do sistema patriarcal, a condição de sinha Vitória era considerada inferior:

[...] homem branco, que é o detentor da razão e inteligência; a mulher branca, que é reprodutora da dominação colonial e da mentalidade dominante; e os não-humanos, ou segundo Lugones, os bestializados, os negros e índios. (DIAS, 2014, p. 04).

A matriarca se superou por meio da sua intelectualidade alcançando o poder de tomar decisões dentro do lar, assumindo o lugar vago deixado pelo marido: “[...] sinha Vitória leva a dianteira, porque ela ocupa o espaço vago destinado ao homem que Fabiano não sabe ocupar” (LIMA, 2006, p. 130). Além de que, ao desassociar o lugar reservado ao homem, sinha Vitória rompe com a condição de servilismo imposto pelo sistema patriarcal (MOURÃO, 1971, p. 35).

Sinha Vitória era consciente da realidade da pobreza e do comodismo do marido, mesmo assim, imaginou sair daquela situação. Assim, criou, através da sua capacidade de se expressar verbalmente, as possibilidades de convencer o marido de fugirem para o meio urbano. Dessa forma, no seu desejo de rompimento com a pobreza, a família de retirantes poderia deixar de viver como bichos e se estabelecer em uma terra como seres humanos dignos de pertencimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise da personagem, retomamos o contexto histórico ao qual pertenceria sinha Vitória. Ela era diferente da mulher da cidade e também da sertaneja. Ela é a cabocla da literatura na década de 1930 que quebrou todo o modelo de mulher ideal na civilização patriarcal da época. Desse modo, sinha Vitória rompeu valores cultivados por uma sociedade machista que imperava através de um sistema que oprimia a família de retirantes.

Consideramos que o fim da família é incerto. Mesmo com as palavras de sinha Vitória almejando por uma vida melhor, esperançosa ao caminharem para a cidade ao sul, o rompimento com a pobreza é praticamente impossível. A narrativa, dessa forma, nos serve de denúncia contra o sistema que aprisionava várias famílias de retirantes no ciclo da pobreza.

Ademais, ao refletimos sobre a condição feminina de sinha Vitória, entendemos que, no papel de esposa, ela era condicionada a cuidar dos filhos e da casa. Pois, ao nascer no sistema patriarcal, a “tornaram mulher” (BOAVOUIR, 2014,

p. 267) e sua vida foi definida a ser a serviçal do homem. No entanto, sinha Vitória permitiu-se um escape dessa situação, ao projetar dentro de sua casa uma visão de autoridade do lar.

Assim, quanto ao empoderamento de sinha Vitória, podemos considerá-lo como um movimento específico, realizado diante da necessidade de se afirmar e de ser visível no mundo onde as sertanejas eram silenciadas e ignoradas por nascerem em um sistema moderno e colonial eurocêntrico de gênero, que as desprezavam pela sua raça e classe social (DIAS, 2014, p. 04).

Portanto, o empoderamento de sinha Vitória dentro de seu lar é um desafio para a sociedade que a oprimiu, mesmo que seja inexistente no mundo machista da rua. Devemos considerar que as relações de poder patriarcal são culturais e fazem parte de um sistema muito maior que uma mulher pobre, cabocla e sertaneja. Dessa forma, sinha Vitória ousou ao criar um mundo dentro de sua casa, onde ela era a autoridade, possibilitando, de alguma forma, a fuga do sistema que a oprimia.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Bevenuto Sales de; PONTE, Charles Albuquerque. A mulher em Silenciosa Emancipação: Parcialidade da Vitória em Vidas Secas. **Revista Línguas & Letras**, Cascavel, v. 20, n. 15, p. 1-17, 2014. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/10762>>. Acesso em: 02 fev. 2021.
- BASTOS, Hermenegildo. **Inferno, Alpercata: Trabalho e Liberdade em Vidas Secas (Posfácio)**. In: RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. 147. ed. Rio de Janeiro, Record, 2020, p. 125-134.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S.L.], v. 16, n. 3, p. 233-239, dez. 2000. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-37722000000300006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722000000300006>. Acesso em: 25 jan. 2021.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.
- BURITI, Catarina de Oliveira; AGUIAR, José Otávio. Secas, Migrações e Representações do Semiárido na Literatura Regional: Por Uma História Ambiental dos Sertões do Nordeste Brasileiro. **UFRR, Textos e debates**, n. 2, p. 8-31, 2008. Disponível em: <<https://revista.ufr.br/textosedebates/article/download/747/645>>. Acesso em: 25 jan. 2021.

CANDIDO, Antonio. **Antonio Candido: A Educação Pela Noite & Outros Ensaios**, São Paulo: Ática, 1989. Disponível em: <file:///F:/Literatura%20na%20ditadura%20militar/antonio-candido-a-educacaopela-noite.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2021.

_____. A Literatura e a Formação do Homem. **Remate de Males**, Campinas, SP, 2012. DOI: 10.20396/remate.v0i0.8635992. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>. Acesso em: 25 jan. 2021.

CAMPOS, Haroldo. Arte Pobre, Tempo de Pobreza, Poesia Menos. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 63-67, jul. 1982. Disponível em: <<http://novosestudios.com.br/produto/edicna/>>. Acesso em: 7 dez. 2020.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: **Ashoka Empreendimentos Sociais; Takano Cidadania (Orgs.)**. Racismos Contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

CASSAMASSIMO, Maria Elisa. **Sinha Vitória: olhares e dizeres**. 2010. 95 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Puc-Sp, São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/14659>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

COELHO, Tiago da Silva. Os Retirantes de Portinari e a questão da seca no Brasil. In: XIV ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RIO: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, 14., 2010, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Anpuh, 2010. p. 1-8. Disponível em: <http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276742424_ARQUIVO_OsRetirantesdePortinarieaquestaodasecanoBrasil.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2021.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/90669088/interseccionalidade-patricia-hill-collins-e-sirma-bilge>. Acesso em: 20 abr. 2021.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1995-1997. Mil Platôs. **Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34. 715 pp.

DEVILLART; SIMIÃO, José Marcos Marcos, Renata Furtado. A ideia de ciclo ou "eterno retorno" em Vidas Secas. **VI Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. , p. 1-3, ago. 2002. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/vicnlf/>>. Acesso em: 8 dez. 2020.

DIAS. Leticia Otero. **O feminismo decolonial de Maria Lugones**. 8º ENEPED UFGD.5º EPEX – Encontro de Ensino Pesquisa e Extensão. UEMS. Outubro/2014. Disponível em: <<http://eventos.ufgd.edu.br/enepex/anais/index.php?id=&titulo=o+feminismo+decolonial&autor=&ano=&area=&faculdade=>>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

FALEI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 202- 231.

GADELHA, Georgina da Silva; LIMA, Zilda Maria Menezes. Cortejo de Miséria: Seca, Assistência e Mortalidade Infantil na Segunda Metade do Século XIX no Ceará * courtege of misery. **História e Cultura**, [S.L.], v. 6, n. 2, p. 101, 10 set. 2017. Revista Historia e Cultura. <http://dx.doi.org/10.18223/hiscult.v6i2.2204>. Disponível em:

<<https://seer.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/2204>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

JAMBEIRO, O., et al. **Tempos de Vargas**: o rádio e o controle da informação [online]. Salvador: EDUFBA, 2004. 191 p. ISBN 978-85-232-1241-4. Available from SciELO Books. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 02 fev. 2021.

LAFETÁ, João Luiz. O mundo à revelia. In: RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1995, p. 192-217.

LIMA, Marcos Hidemi de. **Mulheres de Graciliano**: Configurações femininas em S. Bernardo, Angústia e Vidas Secas. 2006. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/Lima_Marcos_H_Me_2006.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2021.

LOBO, Pereira. **Relatório à Assembléia Legislativa do Estado de Sergipe em 07 de setembro de 1919**. Aracaju: Tipografia do Estado, 1919.

MOURÃO, R. **Estruturas**: ensaios sobre o romance de Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Arquivo editora e distribuidora, 1971.

NEVES, Frederico de Castro. A miséria na literatura: José do Patrocínio e a seca de 1878 no Ceará. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 11, núm. 22, p. 80-97, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/tem/v11n22/v11n22a05.pdf>>. Acesso em: 02 de fev. 2021.

_____. O nordeste e a historiografia brasileira. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, v. 6, n. 10, p. 6-24, 31 out. 2012. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/view/3318>>. Acesso em: 02 de fev. 2021.

PRIORE, Mary del. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 147. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

_____. **Infância**. 29. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.

SPIVAK, Gayatri Chakravony. **Pode o subalterno falar?**. 1. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

VIANNA, Marly de Almeida G. **Revolucionários de 35**: sonho e realidade. São Paulo, Editora Swarcz. 1992.